



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



Diálogos performáticos entre a tradição e o moderno na obra de Flavio-Shiró

Claudia Stringari Piassi

Universidade Federal do Espírito Santo/FAPES

Resumo: A influência familiar de Flavio-Shiró pela arte oriental é um dos requisitos, entre tantos outros, para entendermos a gênese de suas formas, linhas, cores e gestos diante da pintura. As suas obras no período das décadas de 1950 e 1960 apresentavam grande referência à arte do sumi-ê e do Shodo. Por isso, esta pesquisa, procura estabelecer um possível diálogo entre a arte milenar da caligrafia japonesa e a expressividade de caráter performático na pintura de Flavio-Shiró.

Palavras-chave: Caligrafia. Materialidade. Vivências. Performance.

Abstract: The influence of family-Flavio Shiró by oriental art is one of the requirements, among others, to understand the genesis of their shapes, lines, colors, gestures and face painting. His works during the 1950s and 1960s showed great reference to the art of sumi-e and Shodo. Therefore, this research seeks to establish a possible dialogue between the ancient art of Japanese calligraphy and expressiveness of painting the performative character of Flavio-Shiró.

Keywords: Calligraphy. Materiality. Experiences. Performance.

A caligrafia japonesa, originada da China, chegou ao Japão no século VI e vem desde então, emanando, nos séculos XX e XXI, grande curiosidade aos hábitos e aos costumes ocidentais. Para os japoneses o aprendizado da língua, praticamente se dá por toda a vida do estudante. É uma escrita complexa, que além de possuir uma grande quantidade de ideogramas (podendo chegar a mais de 2.000 *kanji*), possui dois outros alfabetos silábicos, o Hiragana e o Katakana, cada um deles com 46 letras.

O estudo da caligrafia japonesa influencia determinadas pinturas conhecidas como *Shodo*, técnica de pintura caligráfica que “é a transformação dos caracteres da milenar escrita oriental em expressão artística”,¹ e o *Sumi-ê*, outra técnica, em que o artista se utiliza da essencialidade de representação do objeto, aliado à caligrafia.

No Brasil, com a imigração japonesa não poderia ser diferente. Há cem anos os costumes japoneses fazem parte de uma convivência como forma de manter as tradições. Por isso, tais tradições se repetem ao longo do tempo, e não importando o lugar. Famílias como a do artista Flavio-Shiró mantinham a tradição em casa. Massami Tanaka, seu pai, era dentista, pintor e interessava-se pela caligrafia japonesa, poesia e ginástica e foi o maior incentivador do filho. Sua mãe Ai Iwane Tanaka tinha conhecimento em diversas

¹ Revista Made in Japan. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://madeinjapan.uol.com.br/2004/02/22/shodo/> Acesso em: 20 de jan. 2012.

manifestações artísticas, dentre elas a música, poesia e a pintura *sumi-ê*.

Ao longo de sua trajetória artística, a pintura de Flavio-Shiró tem como característica o uso das pesquisas matéricas, porém é na maneira de pintar que seu trabalho revela a essência da caligrafia japonesa, organizando nas palavras do próprio pintor, “instintivamente a composição com a tinta preta, necessidade ou preferência que talvez se explique pela minha origem japonesa”.²

A influência familiar de Flavio-Shiró pela arte oriental é um dos requisitos, entre tantos outros, para entendermos a gênese de suas formas, linhas, cores e gestos diante da pintura. As suas obras, no período das décadas de 1950 e 1960, apresentavam grande referência também à arte do *sumi-ê*. Essa técnica de pintura oriental pretende “capturar a essência de um objeto, pessoa, ou paisagem”,³ por isso a cultura japonesa “demonstra que o homem desenvolveu inúmeras formas de contemplar e a aprender com a natureza, retirando lições que se immortalizaram em poesia e pinturas”.⁴ Assim, percebe-se que a concepção da arte japonesa sempre foi mais “abstrata, sutil, implícita, do que realista: mais desenho do que pintura. Daí o rápido e decisivo engajamento dos artistas nipo-brasileiros ao abstracionismo”.⁵

Para o aprendizado do *Shodo*, pintura definida por ideogramas, exuberante na sua simplicidade/complexidade,

² Tanaka no MAM do Rio usa muito preto. **Tribuna da imprensa**. Artes Plásticas. Rio de Janeiro, 15 de out. 1959.

³ SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 20.

⁴ Ibid., 2007, p. 20.

⁵ SPINELLI, João J. **Arte Nipo-brasileira. Momentos**. São Paulo: Takano, 2001. p. 40.

rápida na sua execução e espontânea na sua inspiração, o artista propõe uma elegância ao gesto, procurando por meio de muito treino, se comunicar por palavras ou símbolos. Percebe-se pela gestualidade, uma arte com presença marcante de traços rápidos e precisos, em que o artista “materializa as emoções da alma”. Vale destacar aqui, que o *Shodo* “praticado pelos japoneses desde a infância, ele requer concentração, treino e disciplina. O objetivo é fazer os traços mais perfeitos o possível, sem retoques”.⁶ Para o uso desta técnica, o artista precisa ter concentração e precisão para as paradas do pincel sobre um papel artesanal; proporcionando, assim, a particularidade na pintura. Algumas vezes sutil outras vezes nem tanto, percebe-se, nas obras de Flavio-Shiró, entre as linhas e as cores, aliadas à materialidade, uma simbiose de técnicas em perfeita harmonia.

Na produção pictórica, o artista Flavio-Shiró de maneira performática usa o suporte na horizontal ou, até mesmo, na vertical, e dependendo da intencionalidade e da matéria que utiliza, transforma de acordo com Paulo Herkenhoff, “pincelada como gesto vigoroso. [...] A pintura de Flavio-Shiró apresentava o mais absoluto vigor da pincelada como carga material trabalhada por um corpo vibrátil”.⁷ Suas referências sobre a maneira de pintar vêm de uma prática já existente na pintura oriental, ou seja, a “pintura oriental nunca se produziu vertical, sempre foi na horizontal”.⁸

⁶ Revista Made in Japan, 2010, p. 71.

⁷ HERKENHOFF, Paulo. **Flavio Shiró: pintor de três mundos: 65 anos de trajetória/** curadoria e organização Paulo Herkenhoff. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2008. p. 20.

⁸ SHIRÓ, Flavio. Entrevista com Flavio-Shiró. 2011. Entrevista concedida a Claudia Stringari Piassi, Rio de Janeiro, 16 de Nov. 2011.

Assim como o artista que pratica o *Shodo* e o *sumi-ê*, percebe-se que há uma energia física e corporal que formam, a cada pincelada, desenhos e ideogramas que expressam a essência da escrita. Para os artistas japoneses ou nipo-brasileiros, o *shodo* faz parte de suas vidas, afinal, os ideogramas fazem parte do próprio nome dos artistas, “pinta-se com o mesmo gesto com que se escreve o diagrama do próprio nome. Fala-se com sotaque, pinta-se com um sotaque japonês”,⁹ devido a isso não há possibilidade desses artistas deixarem de emitir gestos caligráficos em suas pinturas.

A pintura abstrata de Flavio-Shiró, se analisada, sobre alguns aspectos, existe similaridade sobre o campo de trabalho das técnicas orientais, ou seja, sobre o linho na horizontal. A horizontalidade é característica da pintura oriental, e, para o artista, a visão horizontal é uma revelação um tanto quanto interessante “um efeito surpresa, que você realiza, tem uma visão diferente da coisa que nasce horizontal”.¹⁰ Esta maneira de pintar exige do artista concentração, aliada a uma energia física e mental, porém é seu corpo vibrátil que entra em ação. As linhas são formadas a partir de gestos em uma posição não tão habitual para um artista, ou seja, agachando-se sobre a obra, ele se entrega à pintura, no espaço silencioso do seu atelier. Sua destreza na formação de linhas firmes e ágeis revela, mesmo que não haja a formação dos ideogramas, reminiscências de um passado que se faz presente em sua

⁹ HERKENHOFF, Paulo. **Laços do Olhar: roteiros entre o Brasil e o Japão**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009. p.105.

¹⁰ Entrevista, 16 de Nov.2011.

vida, e assim, sua pintura “sempre foi uma administração do gesto (mais do que da mera pincelada)”.¹¹ Esse mesmo gesto de caráter performático que o artista imprime sobre o tecido no ambiente fechado do seu atelier vem justamente dialogar com a tradição da prática do *Shodo* e do *Sumi-ê* nas suas devidas proporções, pois os “valores plásticos, o caráter simbólico dos traços, o tempo, a noção de precisão são prezados pelo artista Flavio-Shiró”.¹²

O vídeo que apresenta o seu *site*, www.flavioshiro.com, mostra o artista transitando dentro da própria obra, seu corpo ágil, munido de um pincel, explora através da disciplina e da concentração elementos que sugerem uma caligrafia sobre o tecido, ou seja, Flavio-Shiró reflete exatamente os dizeres de Mário Pedrosa, em análise acerca da arte oriental intitulado, “Da caligrafia ao plástico”, se enquadra dentro de “toda uma escola japonesa moderna de pintores que já abstraíram da caligrafia tradicional o seu conteúdo literal linguístico”¹³ Um gesto se liga a outro com destreza de um artista que pratica, de maneira simbólica, as técnicas da caligrafia extrapolando sobre o tradicional caligráfico as reminiscências familiares.

Neste vídeo, percebe-se um caráter performático no desenvolvimento de sua pintura, porém, como define Renato Cohen, sobre a *performance*, ela “passa pela chamada *Body art*, em que o artista é sujeito e objeto de sua arte” ou seja, o artista age como *performer*”.¹⁴ No caso

¹¹ Ibid., 2008, p. 21.

¹² HERKENHOFF, 2009, p. 113.

¹³ PEDROSA, Mário. **Modernidade cá e lá**. In.: PEDROSA, Mário; ARANTES, Otilia. (Orgs). *Textos Escolhidos IV*. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 307.

¹⁴ COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva,

de Flavio-Shiró, contudo, a presença do público - que seria primordial para a concretização performática da obra - não existe, mas percebe-se que o artista absorve influências de um momento das artes no período das décadas de 1950, período este, em que a arte dava os seus primeiros passos no campo da *performance*.

A *performance* tanto a nível de conceito quanto a nível de prática, “advém de artistas plásticos e não de artistas oriundos do teatro”.¹⁵ Mas há certo hibridismo, “numa classificação topológica, que a *performance* se colocaria no limite das artes plásticas e das artes cênicas, sendo uma linguagem híbrida que guarda características da primeira enquanto origem e da segunda enquanto finalidade”.¹⁶

Fragmentando e justapondo as partes do diálogo entre o tradicional e o moderno na obra de Flavio-Shiró e estabelecendo discursos paralelos, percebe-se, no vídeo do Professor Sensei Wakamatsu,¹⁷ o uso da técnica do *Shodo* como apresentação da caligrafia oriental, em que o corpo e a escrita trabalham em perfeita sintonia, permitindo, “um olhar mais apurado na relação do corpo com a escrita. O corpo avança, retrocede, mergulha; os joelhos semi-dobrados ou dobrados são suporte para os diferentes ritmos e estilos de escrita”.¹⁸

2002. p. 30.

¹⁵ *Ibid.*, 2002, p. 30.

¹⁶ *Ibid.*, 2002, p. 30.

¹⁷ DEMONSTRAÇÃO DE CALIGRAFIA JAPONESA. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=_IUsgW2qldI Acesso em 18 jan. 2012.

¹⁸ Caligrafia Japonesa. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://caligrafiajaponesa.wordpress.com/> Acesso em: 23 de jan. 2012.

Pode-se notar ainda, que há certa semelhança com relação à posição dos artistas, porém Flavio-Shiró se enquadra em uma abstração caligráfica que se apresenta através de uma técnica mais específica conhecida como *Zen-ei-sho*, tipo de pintura com ideogramas praticamente ilegíveis, em que suas formas, totalmente abstratas, nada “lembram o caráter original. [...] com caracteres de extrema força expressiva, às vezes completamente ilegíveis, mesmo para um leitor fluente de japonês.”¹⁹

E justamente por ser ilegível, a pintura de Flavio-Shiró vem demonstrar uma força expressiva que ultrapassa todos os ensinamentos dominados pela prática *Zen* composta pela assimetria, pelo acaso, pela síntese das linhas, pela simplicidade, e pela naturalidade, ou seja:

[...] tudo que é suscetível ao princípio simétrico, é abandonado em favor de um equilíbrio e de uma correspondência rítmica que se dão aparentemente por acaso, mas que, em última instância, surgem de uma segurança e de uma clareza mutante.²⁰

Flavio-Shiró em suas andanças trouxe, ao longo da sua trajetória artística, um olhar de constantes mudanças e atualizações. Por ser um oriental que transita pelo mundo na casa dos seus octogenários anos, e também por demonstrar uma característica bem observadora e atualizada diante do mundo, prioriza, por meio de suas pinturas o desenvolvimento particular do indivíduo.

¹⁹ Ibid., São Paulo, 2008. Disponível em: <http://caligrafiajaponesa.wordpress.com/> Acesso em: 23 de jan. 2012.

²⁰ BRINKER, Helmut. **O Zen na arte da Pintura**. Tradução Alayde Mutzenbecher. São Paulo: Editora Pensamento, 1993. p. 136.

Dentre algumas características próprias dos artistas abstratos, Flavio-Shiró extraia sobre os diversos ângulos de visão uma maneira própria de pintar. Na arte, é influenciado pelo seu ambiente particular e por suas vivências, por isso, a arte

[...] está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente.²¹

O movimento da criação, para o artista, traz à obra momentos em que “reinam conflitos e apaziguamentos. Um jogo permanente de estabilidade e instabilidade, altamente tenso”.²² Seus gestos e seu corpo como partícipes da obra influenciam na construção da forma. No caos, entre pincéis, tintas e pigmentos, Flávio-Shiró busca no inconsciente, fragmentos de histórias que se organizam na tela.

Os olhos de Flávio-Shiró captam a essência de tudo que transcorre nesse mundo de união entre mente e corpo. O artista concebe sua pintura revelando-nos todas as suas influências orientais/ocidentais através do seu gesto espontâneo e do emprego de linhas sem limites, inseridos em um espaço indefinido onde tudo se funde, “no qual não se passa com nitidez de um plano ao outro, de uma cor a outra e da cor para o grafismo, da forma para a mancha, da abstração para a figura”.²³

²¹ SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo : FAPESP : Almanaque, 1998. p. 26-27.

²² *Ibid.*, 1998, p. 28.

²³ MORAIS, Frederico, apud HERKENHOFF, 2008. p. 29.

Dessa maneira, países extremos fundem-se em obras que revelam a sensibilidade do artista, que, por sua vez cria uma simbiose entre continentes onde tudo se integra e onde verdades através de linhas, manchas e cores dispostas abstratamente sobre o tecido são paulatinamente, reveladas.

Este diálogo tradicional abordado na obra do pintor aqui estudo revela que na busca do realmente novo, o artista está cada vez mais mergulhado em suas tradições e busca no passado ou não, expressões sobre a sua produção, definindo, assim, que,

[...] a cada vez espera-se um tipo de arte tão diferente de todos os anteriores, e tão livre de normas da prática ou do gosto, que todo mundo, por informado ou desenformado que seja, pode ter algo a dizer a respeito.²⁴

O que se pode concluir, aqui é, que “a cada vez essa expectativa é frustrada, quando a fase da arte modernista em questão finalmente toma seu lugar na continuidade inteligível do gosto e da tradição.”²⁵

A ânsia por liberdade na pintura é algo que vem desde a infância, do artista aqui estudado quando ele ainda recebia incentivo do pai, e, possivelmente é o que o torna um pintor com características tão ímpares na sua produção artística. A preocupação de Flavio-Shiró com relação à vida e ao cotidiano, pelo fato de ele ser um artista que nunca se preocupou em se especializar em um movimento ou técnica de pintura é o que o alimenta durante seu percurso

²⁴ FERREIRA, Glória. GREENBERG, Clement, **Clemente Greenberg e o debate crítico**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 2001, 2001, p. 108, 109.

²⁵ FERREIRA, Glória, 2001, p. 108, 109.

performático. Sua criatividade constante está como ele mesmo diz “entre o cotidiano e a criação”, algo que sempre na visão dele “alimenta a criatividade”.²⁶

E, é exatamente alimentando essa criatividade e justapondo seus conhecimentos sobre diversos ângulos, que Flavio-Shiró é um artista “irredutível, pois sempre escapou de qualquer processo classificatório um grupo ou movimento. Por mais de seis décadas, manteve sua opção pelo moderno”.²⁷

Essa classificação de “ser moderno” aliada à tradição, mostra que Shiró é um artista consciente do seu tempo, embora sua construção ininterrupta na pintura revela-o como um artista contemporâneo, pois ele “propunha não propriamente um “tempo universal”, mas temporalidade multicultural, resultante da convivência com a diversidade”.²⁸ Um artista do seu tempo ou, ainda, a frente do seu tempo possivelmente, afirma a cada ação do pincel e a cada movimento do corpo linhas contínuas/descontínuas carregadas de significantes de que transportam para suas vivências a criatividade e a ousadia com o ideário de transpor para a tela mesclas de dualidades como passado e presente, tradição e moderno, corpo e alma em uma simbiose de caráter pessoal e irredutível.

Referências Bibliográficas:

BRINKER, Helmut. O Zen na arte da Pintura. Tradução Alayde Mutzenbecher. São Paulo: Editora Pensamento, 1993. p. 136.

Caligrafia Japonesa. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://caligrafiajaponesa.wordpress.com/> Acesso em: 23 de jan. 2012.

²⁶ Entrevista, 16 de Nov. 2011.

²⁷ HERKENHOFF, 2008, p. 14.

²⁸ HERKENHOFF, 2009, p. 14.

COHEN, Renato. Performance como linguagem. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. p. 30.

DEMONSTRAÇÃO DE CALIGRAFIA JAPONESA. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=_IUsgW2qldI Acesso em 18 jan. 2012.

Entrevista, 16 de Nov. 2011.

FERREIRA, Glória. GREENBERG, Clement, Clemente Greenberg e o debate crítico. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 2001, 2001, p. 108, 109.

HERKENHOFF, Paulo. Flavio Shiró: pintor de três mundos: 65 anos de trajetória/ curadoria e organização Paulo Herkenhoff. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2008. p. 20.

HERKENHOFF, Paulo. Laços do Olhar: roteiros entre o Brasil e o Japão. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009. p.105.

PEDROSA, Mário. Modernidade cá e lá. In.: PEDROSA, Mário; ARANTES, Otília. (Orgs). Textos Escolhidos IV. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 307.

Revista Made in Japan. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://madeinjapan.uol.com.br/2004/02/22/shodo/> Acesso em: 20 de jan. 2012.

Revista Made in Japan, 2010, p. 71.

SAKURAI, Célia. Os japoneses. São Paulo: Contexto, 2007. p. 20.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo : FAPESP : Almanaque, 1998. p. 26-27.

SHIRÓ, Flavio. Entrevista com Flavio-Shiró. 2011. Entrevista concedida a Claudia Stringari Piassi, Rio de Janeiro, 16 de Nov. 2011.

SPINELLI, João J. Arte Nipo-brasileira. Momentos. São Paulo: Takano, 2001. p. 40.

Tanaka no MAM do Rio usa muito prêto. Tribuna da imprensa. Artes Plásticas. Rio de Janeiro, 15 de out. 1959.